

# O SENTIDO DA PSICOLOGIA E O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: estudo com estudantes e professores do curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná

Dr<sup>a</sup> Norma da Luz Ferrarini, Universidade Federal do Paraná<sup>1</sup>

Dr<sup>a</sup> Denise de Camargo, Universidade Tuiuti do Paraná<sup>2</sup>

## 1. Introdução.

A universidade é um espaço privilegiado perpassado por diferentes discursos que ampliam conhecimentos, produzem novos saberes, desenvolvem tecnologias, não se balizando por verdades dogmáticas, mas pelo exercício da reflexão e da força dialética existente no livre debate. É nesse espaço intelectual fecundo que se compreende a ciência como um processo dinâmico, aberto e inacabado do *saber* e do *fazer* humanos, em contínua transformação em um mundo também em mutação.

As práticas e os saberes universitários têm implicações diretas não só na formação profissional, mas também no processo de subjetivação, uma vez que a atividade universitária e os discursos ali perpassados possibilitam a construção de sentidos próprios e plurais que refletem o processo de configuração da consciência e da identidade da pessoa. Sendo assim, compreende-se a importância do espaço e do tempo, vividos pelos alunos na Universidade, no seu processo de subjetivação.

A atividade acadêmica está perpassada por um discurso acadêmico, representado pelas teorias, práticas e métodos científicos; e que, portanto, terá conseqüências na constituição dos sujeitos. Recorrentemente os sujeitos constroem sentidos particulares sobre os discursos e as práticas permeadas no tempo e no espaço universitário.

Esta dinâmica configura não só a subjetividade do aluno, mas também a materialidade do curso, que pode permitir maiores ou menores possibilidades de apreensão da totalidade social, de conscientização dos próprios alunos como sujeitos históricos e ativos, construtores da ciência e da profissão, bem como da subjetividade pessoal e social. Fernando González Rey (2003) compreende que a subjetividade não é algo que aparece somente no nível individual, mas que a própria cultura representa um sistema subjetivo, gerador de subjetividade, denominado pelo autor como “subjetividade social”. O sujeito é constituído pela subjetividade social e é constituinte daquela por meio das suas ações no tecido social. A subjetividade social antecede a organização do sujeito psicológico concreto e está na gênese de toda subjetividade individual. Por seu turno, o desenvolvimento do sujeito individual dá lugar a novos processos de subjetividade social e a novas redes de relações sociais.

A formação acadêmica desenvolvida no tempo e no espaço da Universidade é aqui considerada como a categoria de análise *atividade*. É a atividade laboral do estudante universitário. Ou seja, admite-se que as atividades de ensino, pesquisa e extensão são atividades de trabalho perpassadas por múltiplos discursos teóricos e metodológicos e por diferentes práticas, as quais, imprescindivelmente, configurarão o sentido da psicologia para o aluno o qual, por sua vez, imprimirá uma ação significativa no curso.

Diante do exposto, cabe indagar: quais as implicações do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná na construção do sentido do que venha a ser a psicologia e no processo de configuração subjetividade na dimensão referente à formação profissional desses alunos?

---

<sup>1</sup> normadaluz@ufpr.br

<sup>2</sup> denisedecamargo@uol.com.br

A finalidade deste trabalho é contribuir para a reflexão sobre o *ser* e o *fazer* universitários e a importância da Universidade no processo de subjetivação de seus alunos.

Assim, este trabalho apresenta as considerações encontradas nas falas de professores e alunos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná sobre definição, objetos e objetivos da psicologia e discute as elaborações apresentadas relacionando-as com a realidade da psicologia enquanto ciência e profissão.

O texto está dividido em cinco seções, incluindo essa introdução. Na seção 2, relatam-se os procedimentos da pesquisa; na seção 3, as categorias da psicologia sócio-histórica utilizadas nessa pesquisa. Na seção 4, apresentam-se os resultados da análise do grupo focal com os alunos, como também, apresenta-se a análise das entrevistas como os professores; na seção 5, apresenta-se a discussão parcial dos resultados. Discussão parcial porque integra a pesquisa maior que tem como objetivo estudar a constituição dos sujeitos enquanto estudantes, no espaço e no tempo, no curso de Psicologia da UFPR.

## **2. Metodologia da pesquisa.**

A fim de conhecer como se dá a constituição da dimensão subjetiva, a partir dos vários discursos ministrados no curso de graduação em Psicologia da UFPR, elegeu-se a investigação do sentido de psicologia como meio de acesso à formação profissional dos estudantes. Buscou-se aprender o sentido da psicologia a partir da investigação de como os estudantes e professores *conceituam, como identificam seu objeto* e como formulam os *objetivos da psicologia*.

Foram realizados Grupos Focais (GF) com estudantes atuantes em diversos espaços da universidade (pesquisa, extensão, movimento estudantil, estágios) cursando diferentes períodos do curso de psicologia. Foram, também, entrevistados professores representantes das diversas linhas teóricas presentes no curso de psicologia da UFPR (psicologia sócio-histórica, behaviorismo, psicanálise e fenomenologia). As falas foram gravadas e transcritas para serem analisadas sob a ótica da análise do discurso. O foco de interpretação dos dados coletados voltou-se para a busca do sentido da psicologia e sua relação com a constituição dos alunos enquanto futuros profissionais habilitados a trabalhar como psicólogos.

Realizaram-se três grupos focais com as seguintes temáticas: o primeiro foi em torno da pergunta “o que é Psicologia”; o segundo o foco foi o debate sobre “o objeto e o objetivo da Psicologia”; no terceiro foi proposta a discussão sobre “ciência e religião”. Participaram desses grupos dez estudantes.

As entrevistas realizadas com os professores do curso também giraram em torno das temáticas discutidas nos grupos focais realizados com os alunos. Foram entrevistados cinco professores.

## **3. Em busca do conceito de subjetividade.**

Baseada nas propostas de Lev Semionovitch Vygotsky (1991; 1993; 1995; 1997), a psicologia sócio-histórica compreende os fenômenos psicológicos não como fatos imediatos, mas mediados nas e pelas relações sociais sendo assim construída a consciência. A subjetividade se constitui na relação com o mundo material e social, o qual só existe através da atividade humana mediada. O mundo psicológico é um mundo em relação dialética com o mundo social e nessa relação desenvolvem-se as possibilidades humanas. A psicologia sócio-histórica analisa as experiências humanas e as idéias produzidas a partir dessas experiências, o que constitui a base material da sociedade. Sob essa perspectiva, a subjetividade seria construída juntamente com as

transformações históricas, sociais, políticas, econômicas, tecnológicas, científicas que transpassam o nosso cotidiano. A objetividade e a subjetividade constituem uma unidade de contrários em movimento. O sujeito da concepção sócio-histórica, na interação com o outro, vivencia, experimenta, age, significa e, assim, tem uma subjetividade.

A partir de Vigotski, toma-se a subjetividade constituída na intersubjetividade, portanto a partir do significado. Mas o significado, que é social e objetivo, é apropriado pelo sujeito a partir de sua atividade, o que implica uma subjetividade própria de cada sujeito, o que se expressa na atribuição de sentidos pessoais. Os sentidos representariam a síntese entre a objetividade e a subjetividade, já que unificam a atividade do sujeito sobre o objeto, o significado social produzido intersubjetivamente e que representa a atividade sobre o objeto e a subjetividade na sua dimensão emocional (subjetiva) e ativa (objetiva). (Gonçalves, 2001, p.72).

Adota-se a idéia de um sujeito subjetivado e com capacidade de subjetivação de sua experiência, onde ação e efeitos são constituintes da própria subjetividade, e não causas que aparecem como elementos externos à ação. Isso significa que a categoria sujeito implica necessariamente uma participação, um comprometimento com uma prática social que o transcende, diante da qual tem de organizar sua expressão pessoal. O que, segundo Rey (2003, p.239), cria novas alternativas diante de uma complexidade crescente: “ante a proliferação de estímulos e de situações de fragmentação da experiência nas condições da pós-modernidade, longe da morte do sujeito, este alcança níveis de desenvolvimento nunca vistos”.

A noção de sentido é fundamental para compreender o conceito de subjetividade de Rey:

A categoria de sentido subjetivo permite a representação de cada experiência do sujeito em sentidos diferentes, segundo sua inclusão em outros registros de sentido já constituído no nível subjetivo. O sentido é responsável pela grande versatilidade e formas diferentes de expressão no nível psíquico das experiências histórico-sociais do sujeito. O sentido é subversivo, escapa do controle, é impossível de prever, não está subordinado a uma lógica racional externa. (Rey, 2003, p.252).

Esta concepção de subjetividade rompe com a representação da mesma constricta ao intrapsíquico. A subjetividade se manifesta na dialética entre o social e o sujeito implicado no processo de suas práticas, de suas reflexões e de seus sentidos subjetivos, representando a contradição e a confrontação não somente com o social, mas também com sua própria constituição subjetiva.

A idéia de sujeito recupera o caráter dialético e complexo do homem, de um homem que de forma simultânea representa uma singularidade e um ser social, relação esta que não é uma relação de determinação externa, mas uma relação recursiva em que cada um está simultaneamente implicado na configuração plurideterminada dentro da qual se manifesta a ação do outro. O conceito do sujeito é incompatível com o determinismo mecanicista causalista, pois a ação do sujeito é imprevisível. (Rey, 2003, p.224).

Na complexa unidade dialética, a história pessoal e a história do meio social confluem em uma nova unidade que apresenta, ao mesmo tempo, uma configuração subjetiva e uma configuração objetiva. O social se subjetiva para converter-se em algo relevante para o desenvolvimento do indivíduo e o subjetivo se objetiva ao converter-se em parte da realidade social, demonstrando a dinâmica interação entre subjetividade e objetividade (Furtado, 2001, p. 89). O indivíduo é um sujeito singular, social, histórico e ativo, produtor de sentidos advindos dessa confluência da subjetividade e da objetividade demarcada pelas características da base material da sociedade.

#### **4. Apresentação da análise do Grupo Focal com os estudantes e das entrevistas com os professores.**

##### *4.1 O discurso dos estudantes.*

Como já relatado nos procedimentos acima, usou-se a estratégia de Grupo Focal para buscar o sentido de psicologia para os estudantes. Os dados demonstraram a constante presença de contradições e a dificuldades dos alunos em expressarem seus pensamentos e idéias, ficando clara a multiplicidade e complexidade das questões e explicações psicológicas com que esses estudantes se deparam no curso. As falas, em geral, não são incisivas, mas reticentes, marcadas pela dúvida e pela insegurança. Predomina o discurso da complementaridade entre as falas, onde a cordialidade acaba camuflando a crítica, o questionamento, a contraposição.

No *primeiro grupo focal*, cuja temática foi “o que é Psicologia”, predominou a definição da Psicologia como um campo de conhecimento que objetiva a promoção de saúde, o bem-estar, a qualidade de vida, a saúde mental – conceitos provenientes da reforma médica e psiquiátrica e presentes na Psicologia Social Crítica e na Psicologia Comunitária – discursos cujas matrizes ideológicas se diferenciam da psicologia tradicional pautada no modelo de escuta clínica e da prática individualista, desvinculado da dinâmica histórico-cultural, e que foi hegemônico durante muito tempo na psicologia. Os alunos demonstraram angústia diante: da diversidade da Psicologia, concluindo que a psicologia se caracteriza justamente por dar espaço à diferença; da falta de protocolos definidos e de instrumentalização para atuar na prática; das dificuldades, em muitas situações, de conseguirem articular teoria e prática; de se deparar com suas próprias questões e não encontrar espaço para reflexão sobre elas. Identificou-se, por um lado, a predominância do discurso da psicologia social crítica e da psicologia comunitária no universo acadêmico; por outro, a demanda maior pelo trabalho do psicólogo clínico e o predomínio de práticas, de instrumentos e de campos de estágios tradicionais. As práticas oferecidas para esses alunos e os espaços ocupados para desenvolver essas práticas são predominantemente aquelas do repertório da psicologia tradicional que, muitas vezes, não dão sustentação para possibilidades de intervenção em contextos sociais diversificados previstos pelo discurso social crítico.

No *segundo grupo focal*, concluem que o *objeto* da psicologia depende da abordagem. Quanto ao *objetivo*, reforçam o apresentado no primeiro grupo focal: promoção da qualidade de vida e da saúde mental. Têm dificuldade de definir qualidade de vida e não conseguem fazer a distinção entre saúde mental e saúde de modo geral. Concluem que não há normalidade e saúde mental não é ausência de sofrimento. Aparece uma visão dominante de que o sofrimento faz parte da vida humana, o que remete a uma perspectiva filosófica presente nas abordagens fenomenológicas e psicanalíticas. Novamente se defrontam com a dicotomia entre a teoria e a prática.

Do *terceiro grupo focal*, centralizado na discussão sobre “ciência e religião”, conclui-se: (i) o curso não aprofunda suficientemente o que é ciência. Contrapõem método subjetivo e método objetivo, este se caracterizando pela sistematização do conhecimento, lei geral, classificação, possibilidade de refutação ou não e defrontam-se com a dificuldade de submeter a psicologia a este método. (ii) A psicologia “tenta”, mas não consegue estar dentro dos parâmetros da ciência positivista. A neutralidade e a imparcialidade não podem ser alcançadas na prática da psicologia e na pesquisa científica, mas deve existir um esforço do psicólogo em “tentar” ser imparcial e neutro quando no exercício de suas funções profissionais. (iii) Ciência e Psicologia têm objetivos de difícil definição, mas próximos. Objetivo da ciência: modo de viver melhor; objetivo da psicologia: promoção da saúde. (iv) Religião e Ciência têm objetivos e problemas semelhantes. Ambas tentam explicar o mundo, dar um sentido

para a vida. Mas as respostas são diversas, incompatíveis ou complementares. (v) Ciência e Religião não dão conta de explicar todas as questões humanas. (vi) Ciência e Religião são difíceis de serem separadas de crenças e de dogmas. (vii) Dogma renega a subjetividade. Tanto a ciência como a religião estão sujeitas a apresentar respostas dogmáticas escapando ao 'relativismo absoluto', mas também impedindo um processo psicológico de subjetivação que implica em questionamentos e mudanças. (viii) A Filosofia é mais abstrata do que a Psicologia; esta tem uma prática concreta. Mas a prática da Psicologia tem uma base filosófica. (ix) Por um lado, a Psicologia fundamenta-se em princípios epistemológicos com suas respectivas leis gerais diferenciadas; por outro, o objeto de estudo da psicologia é o sujeito na sua singularidade. (x) A psicologia trabalha com a possibilidade da pluralidade.

#### 4.2 O discurso dos professores.

Com o objetivo de identificar as bases do conteúdo dos saberes e os fundamentos das práticas que perpassam os discursos acadêmicos presentes no contexto do curso de psicologia da UFPR foram entrevistados os professores do curso.

Observa-se nas respostas que a *conceituação* dos *objetos* e *objetivos da psicologia*, dependerá da abordagem adotada pelos professores. Ambos sofrem variações bastante grandes nas falas dos professores, sendo usados para sua definição desde termos amplos (busca de conhecimento, psiquismo, subjetividade, discurso) até bem específicos (relações comportamentais, a psique enquanto metáfora, sobrevivência das culturas), como se observa no quadro seguinte:

**Fig 1. Quadro síntese das respostas dos cinco professores entrevistados e a conclusão dos alunos no Grupo Focal.** (Barbaceli & Ferrarini; 2008)

<b>Quadro 1: O que é psicologia, seu objetivo e objeto?</b>			
<b>Psicologia</b>	<b>O que é</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Objetos</b>
<b>Psicanálise 1</b>	Conjunto de saberes sobre pessoas, grupos, instituições com pretensão de aplicação.	Busca de conhecimento do outro, de si mesmo, do psiquismo, da subjetividade. Promover o auto-conhecimento.	O discurso para se chegar aos processos subjetivos.
<b>Comportamental</b>	Ciência que estuda relações comportamentais. Tenta explicar como se constitui o indivíduo, a subjetividade.	A definição do objetivo é uma escolha ética. O objetivo geral é a sobrevivência das culturas	Relações comportamentais.
<b>Fenomenologia</b>	Tentativa científica de pensamento crítico sobre o ser humano baseada em práticas sociais	As linhas teóricas têm seus objetivos específicos. Objetivo da psicologia é a compreensão crítica do ser humano	A psique humana enquanto metáfora.
<b>Psicanálise 2</b>	Campo de pensamento, trabalho, teorização, de aplicação clínica, campo de construção teórica. A psicologia aborda questões conscientes. A psicanálise, o inconsciente.	Psicanálise é um método de tratamento do sofrimento para permitir o questionamento e a transformação do sujeito. A clínica justifica dedicação à teoria.	Psicanálise: a constituição do sujeito a partir do inconsciente. A psicanálise e a psicologia trabalham com a subjetividade e os processos psíquicos.

<b>Sócio-Histórica</b>	Ciência que estuda a gênese da estrutura e do funcionamento do psiquismo humano.	Entender o psiquismo e sua gênese para poder intervir no homem e na vida social humana.	O psiquismo.
<b>Estudantes GF</b>	Ferramenta, uma forma de ver o mundo. Campo de conhecimento e de intervenção para transformar ou manter as estruturas sociais.	Promoção de saúde, bem-estar e qualidade de vida. Melhorar as relações. Adaptar a um padrão de normalidade. Possibilitar que a pessoa use seu potencial. Conscientização.	Depende da abordagem.

## 5. Discussão dos resultados.

Nas perguntas sobre *definição*, *objeto* e *objetivo* da psicologia, buscou-se entender a relação existente entre a escolha teórica e as respostas dadas a estas questões, respostas estas que enfatizaram a importância da abordagem teórica escolhida. Inicialmente, pensamos em perguntas gerais, onde esperávamos definições semelhantes para todos, mas com o decorrer das entrevistas o resultado foi diferente. O que apareceu foi a pluralidade teórico-metodológica da psicologia, confirmando o encontrado nos GF com os estudantes, os quais também enfatizaram a importância da escolha teórica para as definições apresentadas. As perguntas levaram os professores a reverem seus ideais e a se questionarem sobre conceitos já enraizados, definidos teoricamente, como na fala de um professor: *“a psicologia (...) também acho que é um campo de perguntas infundável, um campo de questionamentos eu acho que até de mais, a gente se pergunta muito, o tempo todo, sobre tudo... e hoje em dia, continuo me perguntando dentro da profissão se de repente a gente precisa se perguntar tanto...”*. Esse constante questionar que parece estar presente na atividade reflexiva dos docentes contrasta-se com a necessidade sentida pelos estudantes de posturas teóricas e metodológicas mais firmes e sólidas para que se estabeleça uma atuação mais segura, e uma maior aproximação entre teoria e prática. Fica a impressão da psicologia como um lugar de incertezas, onde tudo pode ser questionado e, na maioria das vezes, esse questionamento aparece como uma forma natural de lidar com as coisas. Esse lugar do não-saber pode ser tomado, inclusive, como um lugar comum no conhecimento científico, se entendermos o constante questionar como necessário à ciência, à pesquisa e ao exercício de busca do conhecimento, mas que sempre (ou muitas vezes) traz consigo um abandono que atinge o pesquisador, como diz Furlan (2008, p.7):

Abriu-se para o desconhecido implica sempre uma situação de desamparo que acompanha toda pesquisa verdadeira, e repetir um saber já conhecido pode servir para evitá-la, mas além de improdutiva, tal perspectiva impede a curiosidade e é aborrecedora.

Ao contrário, o movimento de pensamento que privilegia a questão e abertura à experiência favorece a criatividade e a liberdade de pensamento, mas pode deixar o pesquisador desamparado frente à realidade. É um movimento que privilegia o não-saber, mas também é o saber que representa o motivo da pesquisa, pois uma questão não se coloca nunca a partir do nada, apoiando-se sempre em um saber adquirido.

Apesar de entendermos o questionamento como parte da ciência, necessário ao seu desenvolvimento e fundamental para a prática da psicologia, ao ouvir os estudantes, o questionamento excessivo parece revelar uma constante dúvida sobre o lugar do profissional e da profissão. Assim, a falta de uma identidade única da psicologia –

apontada pelos diferentes possíveis objetos de estudos e percebida pelos constantes questionamentos relatados pelos professores e estudantes - e a sensação de incerteza e fragilidade que esse “não-lugar” acarreta gera um sentimento, muitas vezes, de incapacidade nos profissionais envolvidos com a psicologia, um esgotamento pela insegurança de não saber o que fazer, de colocar tudo a prova, de não saber a quem se reportar ou onde encontrar respostas, o que acaba contribuindo para uma falta de reconhecimento da profissão como ciência, e, talvez, para a sua “banalização” social. Como em Silveira e Hüning (2007, p.5): “A angústia epistemológica é decorrente, portanto, de nossa incapacidade de nos orientarmos no panorama geral do conhecimento em face de sua diversidade.”

Já no início das entrevistas, com as perguntas conceituais a respeito da psicologia e seus objetos e objetivos, identificamos uma dificuldade em defini-la. A maioria das respostas parece apontar para a cientificidade da psicologia, ou a tentativa de transformação do conhecimento psicológico em ciência. Esse não reconhecimento científico da psicologia por parte de alguns dos profissionais com ela envolvidos acarreta ainda uma mudança no que diz respeito a seus objetos e objetivos, já que, segundo um dos professores entrevistados se *“define uma ciência falando do seu objeto”*. O objeto dessa tentativa de ciência e mesmo sua definição, para muitos professores, depende do referencial teórico e metodológico escolhido que, acrescido da ética de cada profissional, produz o objetivo da psicologia, como podemos ver em alguns exemplos extraídos das entrevistas. Um dos professores afirma: *“não existe uma definição muito clara do que seria a psicologia. Ela é uma tentativa científica de pensamento crítico...”* outro: *“o que é psicologia?... dá pra responder de muitas formas. Eu tenho uma tendência, naturalmente pela minha formação, de entender a psicologia como sendo o estudo do comportamento...”*

As respostas citadas corroboram com o encontrado no discurso dos estudantes, no espaço do Grupo Focal, e, de alguma forma, legitimam a existência de várias psicologias independentes entre si, sem algo que as une, como se as teorias não pertencessem ao mesmo campo de conhecimento. Além disso, dão uma importância grande à escolha da abordagem teórica com a qual cada profissional irá trabalhar, já que é ela quem define o que é psicologia, e, conseqüentemente, quem é o profissional da psicologia e seu campo de atuação. Ao mesmo tempo, no curso de psicologia da UFPR vemos uma discussão constante entre estudantes e professores no que diz respeito a esta escolha teórica. Aqueles têm pressa, querem se definir logo – provavelmente tendo em mente esta importância citada nas entrevistas – enquanto estes dizem que não é preciso tomar uma decisão rapidamente, que o melhor é conhecer todas as abordagens bem para depois escolher entre elas.

Em algumas entrevistas fica claro ainda a importância de uma postura ética por parte do profissional, que pode influenciar o objetivo de suas ações: *“o objetivo da psicologia? Essa pergunta é complicada pelo seguinte motivo: ela remete diretamente à ética... o objetivo é uma escolha ética... quando uma teoria psicológica responde esta pergunta, talvez as teorias não o façam com coerência”*. Não fica claro, entretanto, o que seria esta escolha ética e como se transmite isso aos alunos, o que pode indicar um relativismo pessoal no que diz respeito à ciência apresentada. Fica a impressão de que os objetivos da psicologia são definidos pessoalmente, pela ética de cada um.

Em resumo, podemos dizer que: a psicologia pode ser uma ciência ou uma tentativa de ciência, e a cientificidade é buscada, mas não foi consumada. Um dos entrevistados comenta que a definição da psicologia como ciência já a delimita, dependendo do tipo de ciência de que estamos falando. Essa questão foi levantada também no GF, que fugiu das definições tradicionais de ciência em busca de uma que

abarcasse a psicologia. No entanto, apesar das tentativas em buscar uma definição de ciência, podemos dizer que todos os participantes da pesquisa (professores e estudantes) usaram uma definição que se caracteriza por fazer uma análise crítica do mundo, partindo de uma teoria a respeito dele. Neste sentido, as definições de ciência parecem se aproximar da definição de Kuhn (2003): que entende a “ciência normal” como uma tentativa - feita pelos pesquisadores - de confirmação dos seus paradigmas em detrimento de outros, em uma constante superação de paradigmas, que acarreta revoluções científicas. Concordando com Furlan (2008, p. 5), que diz que o desenvolvimento da ciência “implica sempre a possibilidade de substituição de suas teorias.”

Da mesma maneira mostrada anteriormente, parece que quem decide é o profissional; e alguns decidem que não fazem parte da psicologia, como observamos no relato de uma das professoras de psicanálise, que diz não ter conhecimento do que é a psicologia ou o que ela faz, porque *“eu não trabalho com psicologia, eu trabalho com psicanálise... o que a psicanálise está fazendo dentro de um curso de psicologia? Não deveríamos estar aqui mesmo... por outro lado não existe lugar melhor para a psicanálise estar...”*

Esta discussão a respeito da psicanálise e da psicologia é uma questão antiga, que parece ter surgido na época do aparecimento da psicologia e da psicanálise no Brasil (Alberti, 2004) e que apresenta várias posições de autores diferentes: alguns defendendo o pertencimento da psicanálise à psicologia e outros defendendo sua independência ou ainda questionando o lugar da psicanálise na Universidade. De qualquer forma, o que Serbenna e Raffaelli (2003, p. 6) apresentam é uma discussão que ultrapassa a abordagem ou o conhecimento psicanalítico e se espalha para todas as abordagens psicológicas: a dificuldade em encontrar um espaço de construção conjunta e conseguir construir um conhecimento global, sem abandonar as raízes epistemológicas escolhidas:

Isto que foi colocado para a Psicanálise é, em certo sentido, muito comum em muitas outras abordagens clínicas dentro da Psicologia. A teoria torna-se um discurso fechado em si mesmo, sem possibilidade de apreciação crítica, totalizante e não passível de confrontação com a realidade, isto é, com características discursivas de um mito - salientando-se que o mito é uma narrativa que confere um sentido e organiza uma realidade anteriormente caótica.

Esse posicionamento de isolamento dentro das teorias pode explicar a diversidade de respostas encontradas. Aqui temos que voltar a refletir sobre o papel da teoria, tanto na investigação científica, como na fundamentação das práticas da psicologia. Apontamos aqui a necessidade de uma maior articulação da teoria com a prática. Onde a teoria seja um instrumento, ou uma ferramenta, como os alunos indicaram em sua fala, para a investigação e não um discurso para ser reproduzido. Quando a teoria se transforma em dogma ela perde a sua função principal que seria preparar para aproximação ao objeto de estudo da ciência em questão. O foco, o novo, o interessante não está nos artifícios teóricos e sim no objeto de estudo.

Vimos durante a análise das entrevistas, uma dificuldade em estabelecer um loco para a psicologia, que pode não ser a ciência ou a prática psicológica. Esse loco está perdido, dificultando a identificação dos profissionais como cooperadores, como atuantes da mesma ciência, capazes de trabalhar juntos. Vemos essa dificuldade relatada pelos estudantes ao mencionarem a escassez de exemplos interdisciplinares, o desconhecimento de alguns professores a respeito da atuação ou da teoria empregada por outros e as críticas infundadas a respeito de abordagens diferentes. Na fala dos professores observamos essa pouca identificação pela falta de designações que

indiquem colaboração quando falam das relações entre as diferentes abordagens. Na verdade, as palavras utilizadas para designar essas relações foram: luta, disputa, tentativa de cooperação (indicando algo que não se consegue).

Uma das explicações encontradas para essa discrepância que a psicologia enfrenta é a dicotomia existente dentro do próprio conhecimento psicológico: um conhecimento que tem suas raízes na filosofia, mas que necessita cada vez mais de constatações experimentais para ser reconhecido como ciência. Essa necessidade de comprovação que assombra todas as áreas da psicologia implica em um afastamento das questões que possam ser tidas como extremamente subjetivas, afastando a própria psicologia do objeto que a denomina: a alma. (Serbenna e Raffaelli, 2003). Essa tentativa científica atende não só a uma exigência da comunidade acadêmica, mas também - e cada vez mais - a uma exigência social, que privilegia conhecimentos “comprovados cientificamente” em detrimento de qualquer outro não testado empiricamente, que podem não responder às angústias e questionamentos que a sociedade contemporânea enfrenta.

Essa problemática influencia diretamente o ensino da psicologia, onde teoria e prática são colocadas em lados diferentes de um abismo que parece muitas vezes intransponível – problema citado pelos estudantes durante o Grupo Focal. A prática dos profissionais, entendida aqui como uma oportunidade de união para a psicologia aparece como mais uma barreira divisória, uma especialidade que afasta qualquer possibilidade de diálogo entre as linhas, contribuindo para a construção da multiplicidade psicológica citada nas entrevistas.

A diversidade de respostas encontradas parece comprovar a multiplicidade existente na psicologia, que apresenta duas vertentes bastante diferentes: por um lado, essa multiplicidade pode demonstrar uma abertura da ciência a questionamentos e inovações, que provocam revoluções científicas; por outro, mostra uma falta de identidade presente no corpo teórico-metodológico-científico da psicologia, marcada pela disputa entre as diversas linhas teóricas e pela busca de uma verdade única. Considerando a impossibilidade de encontro dessa verdade absoluta, temos um problema com a maneira com a qual os profissionais da psicologia lidam com a diversidade epistemológica, que se concretiza na construção de um conhecimento solto, desorganizado. Um conhecimento que, em um cenário que se apresenta hesitante e não sistematizado, nos leva a uma primeira constatação: a de um “não-lugar” científico da profissão e da ciência psicológicas.

Esse “não-lugar” encontrado é constituído não pela diversidade teórica da ciência psicológica – apesar de esse fator contribuir para a complexidade e para a falta de sistematização instalada – mas pelo não entendimento dessa diversidade por parte do corpo teórico-profissional da psicologia. Observa-se, na fala dos professores, uma dificuldade em trabalhar com a diferença. A fala dos alunos revela uma abertura para a diferença e o reconhecimento da singularidade do objeto da psicologia.

No terceiro Grupo Focal os alunos concluíram que: “... a *Psicologia fundamenta-se em princípios epistemológicos com suas respectivas leis gerais diferenciadas; por outro, o objeto de estudo da psicologia é o sujeito na sua singularidade. (...) A psicologia trabalha com a possibilidade da pluralidade*”.

Para os docentes um constante questionar faz parte da atividade reflexiva, sendo uma forma natural de lidar com as coisas e com o conhecimento científico. Já para os estudantes, o questionamento excessivo revela uma constante dúvida sobre o lugar do profissional e da profissão, ressoando como a falta de uma identidade única da psicologia, ficando a impressão da psicologia como um lugar de incertezas; eles sentem necessidade de posturas teóricas e metodológicas mais consistentes voltadas para uma

atuação mais segura e maior aproximação entre teoria e prática. Eles expressam sentimentos de incerteza, de incapacidade, de fragilidade e de insegurança por não saber o que fazer, a quem se reportar ou onde encontrar respostas.

Um aspecto da fala dos alunos chama atenção: é a insegurança que eles expressaram quando precisam intervir como psicólogos em situações práticas. Revelam que buscam a referência para agir não na teoria e sim no bom senso. Esta questão é preocupante. Indica que a formação que estão recebendo não está contribuindo para que o conhecimento recebido das diversas orientações teóricas seja transformado em orientador da prática profissional de psicólogos. Pode ser que a superação desse impasse seja encontrada na mudança de postura do psicólogo; ou seja, de uma atitude de depositário de verdades sobre “o outro”, passe para a postura dialógica como estratégia orientadora de sua prática.

Para concluir, apontamos que a multiplicidade e diversidade de olhares sobre o objeto da psicologia reafirmam sua complexidade e adverte para a necessidade do professor/pesquisador sair de sua postura autoritária, de quem tem a verdade, e abrir seu referencial teórico para o diálogo com os outros referenciais e principalmente voltar-se para seu objeto de estudo. É no objeto de estudo que se encontra a potencialidade da descoberta do novo.

## Referências

- ALBERTI, S. **O adolescente e o outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BARBACELI, J.; FERRARINI, N. L. Relação entre as idéias, o discurso e a subjetividade de professores e alunos do curso de Psicologia da UFPR: uma análise comparativa sobre teorias e práticas psicológicas. **Relatório de iniciação científica da UFPR - 16º EVINCI**. Curitiba: UFPR, 2008.
- FURLAN, R. Questão do método na psicologia. **Psicologia em estudo**, Maringá, vol. 13, n. 1, jan/mar 2008.
- FURTADO, O. O psiquismo e a subjetividade social. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 75-93.
- GONÇALVES, M. G. M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. Marchina; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 53-73.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- REY, F. G. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- SERBENNA, C. A.; RAFFAELLI, R. Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos. **Psicologia em estudo**, Maringá, vol. 8, n. 1, jan/jun 2003.
- SILVEIRA, R. A. T.; HÜNING, S. M., A angústia epistemológica na psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol.23, n.4, out.dez. 2007.
- VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**. Madri: Visor e MEC (tomo I: 1991, tomo II: 1993, tomo III: 1995, tomo IV: 1996, tomo V: 1997).